

Percepção da comunidade universitária sobre o Espaço do Conhecimento UFMG

Marina Braga Burgarelli¹
Suellen Alves de Melo²

Resumo: Este artigo apresenta um estudo realizado na disciplina de Estudos de Usuários, oferecida ao corpo discente do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 2016. A finalidade da pesquisa foi conhecer a percepção de professores e alunos da UFMG acerca do Espaço do Conhecimento UFMG (ECU) e como esta percepção é influenciada pela localização da instituição. Assim, foram realizadas duas etapas, uma de cunho quantitativo e a outra qualitativa. Os resultados da pesquisa revelam que a localização do ECU influencia a percepção da comunidade universitária, sendo que para muitos o fato da instituição estar localizada na Praça da Liberdade é um elemento positivo. Entretanto, para outros ele deveria estar localizado em uma área de mais fácil acesso, como por exemplo, no centro comercial de Belo Horizonte. A localização não é o fator determinante para a visitação do museu, visto que muitas pessoas não visitam museus por se sentirem intimidadas.

Palavras-chave: Espaço do Conhecimento UFMG. Comunidade universitária da UFMG. Alunos e professores. Percepção e localização.

Perception of the university community about UFMG Knowledge Space

Abstract: This article presents an work carried out on User Studies Subject, part of Archivology Undergraduate Course curriculum of Federal University of Minas Gerais (UFMG), during 2016. The purpose of the research was to get to know students and professor's perception about UFMG Knowledge Space (ECU – Espaço do Conhecimento UFMG, a kind of knowledge museum managed by UFMG) and if those perceptions were influenced by its physical location. The research was carried out in two steps: one quantitative and another qualitative. The results indicate that ECU location does influence the university community appreciation, as for most of the participants Liberty Square, the current location of the space, is very positive. However, for most of the participants the Space Knowledge would be located on most accessible area, such as commercial Belo Horizonte downtown. Location is not a determinant factor for museum visit, since many people do not visit museums for feeling intimidated by them.

Keywords: Knowledge Space UFMG. UFMG University community. Students and professors. Perception and location.

¹ Graduanda do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Minas Gerais (marinabburgarelli@gmail.com).

² Graduanda do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Minas Gerais (alvesdemelo.s@gmail.com).

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma pesquisa desenvolvida no âmbito da disciplina de Estudos de Usuários, oferecida para o curso de Arquivologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 2016. Tal estudo teve como objetivo investigar dois aspectos: qual a percepção da comunidade universitária da UFMG sobre o Espaço do Conhecimento UFMG (ECU) e qual a influência da localização do museu nessa percepção.

O Espaço do Conhecimento UFMG, criado em 2010, é fruto de uma parceria entre a UFMG e o Governo de Minas Gerais. Localizado em Belo Horizonte, a instituição integra o Circuito Liberdade³. O Espaço é vinculado à Diretoria de Ação Cultural da UFMG e faz parte da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura desta universidade. O ECU apresenta, em ambientes interativos e lúdicos, o universo do conhecimento científico, por meio da exposição de abertura “Demasiado Humano”, do planetário, do terraço astronômico, das exposições temporárias e da fachada digital que abriga ações artísticas, culturais e de divulgação científica (ESPAÇO DO CONHECIMENTO, *on-line*).

A instituição recebe a visita de diversos públicos, porém a partir de conversas informais⁴ com seus colaboradores, as autoras verificaram que, embora seja um espaço cultural da UFMG, a visitação da comunidade universitária não é frequente. Almeida (1995, p. 44) ao fazer um levantamento histórico sobre os estudos de público afirma que a partir do século XX, a preocupação em conhecer o perfil do público visitante do museu tornou-se mais evidente. Porém, ainda assim, segundo Carvalho (2007, p. 2) “As relações entre museu e público ainda são pouco estudadas, principalmente no Brasil”. Este fato foi notado em relação ao ECU, visto que verificou-se que o Espaço tem interesse em estudos de público, entretanto ainda não existem trabalhos publicados com o foco dado pelas autoras desta pesquisa.

Tais estudos são importantes porque, através da definição do perfil do público e do público em potencial, os museus podem, por exemplo, planejar ações que visem aprimorar seus serviços e produtos e, conseqüentemente, tornar o fluxo de visitas à instituição constante.

³ “O Circuito Liberdade, atualmente sob gestão do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha/MG), completou seis anos em 2016 e está abrigado em uma área histórica da capital mineira, é composto por treze instituições, dentre museus e centros culturais, que mapeiam diferentes aspectos do universo cultural e artístico” (CIRCUITO LIBERDADE, *on-line*).

⁴ À época da pesquisa, uma das autoras era bolsista de extensão no ECU, o que facilitou o diálogo com a instituição.

Assim, nos próximos tópicos serão apresentadas a metodologia empregada, as análises quantitativa e qualitativa e as considerações finais.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado em duas etapas: pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa. É importante ressaltar que os procedimentos éticos recomendados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, principalmente os relacionados à elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e suas recomendações (voluntariedade, autonomia, garantia de recusa, confidencialidade e sigilo dos participantes) foram seguidos rigorosamente nas duas etapas da pesquisa.

Antes de abordar os procedimentos metodológicos de cada etapa, é necessário expor que a comunidade universitária da UFMG é composta por discentes, docentes, técnicos e administrativos em educação e que segundo dados desta universidade, atualizados em 2015, sua comunidade é composta por 58.995 indivíduos. Entretanto, neste estudo foi feito um recorte neste universo e considerou-se apenas os alunos da graduação (presencial e a distância) e os docentes. Ainda de acordo com estes dados, o número de discentes da graduação é 33.242 e o número de docentes é 2.818, totalizando 36.060 indivíduos (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, *on-line*).

2.1 Etapa quantitativa

No que concerne à etapa quantitativa, a pesquisa utilizou o método de amostragem não probabilística por conveniência. Esta metodologia foi escolhida porque este estudo teve caráter exploratório e não pretendeu generalizar as características da população. A participação dos estudantes e professores ocorreu de acordo com o interesse dos mesmos, visto que esta etapa tem caráter acidental. Conforme mencionado, o universo da pesquisa correspondeu a 36.060 pessoas, a partir deste número foi realizado um cálculo (SANTOS, *on-line*) para determinar a amostra necessária. Assim, ficou definido que seria necessária uma amostra de 381 pessoas, para o erro amostral de 5% e nível de confiança de 95%.

A técnica de coleta de dados escolhida foi a aplicação de questionário em meio eletrônico,

que foi criado na plataforma Qualtrics⁵. O *link* do questionário foi encaminhado por e-mail aos corpos discente e docente da Escola de Ciência da Informação (ECI) da UFMG, bem como aos professores de outras unidades da universidade, quando os *sites* das mesmas apresentavam seus correios eletrônicos. A pesquisa também foi divulgada no *Facebook*, especialmente, em grupos de alunos e professores dos diversos cursos e unidades da UFMG. Os dados da pesquisa quantitativa foram coletados no período de 08 a 11 de maio de 2016 através do Qualtrics, que gerou os resultados em planilhas de formato compatível com o *software* Microsoft Excel, utilizado para analisar os dados.

2.2 Etapa qualitativa

Na etapa qualitativa, docentes e discentes foram abordados por e-mail e pessoalmente para que pudessem participar da pesquisa. Assim, os professores foram entrevistados e os alunos participaram da dinâmica de grupo focal. Os grupos focais e as entrevistas seguiram roteiros previamente elaborados pelas autoras com questões que direcionaram a discussão para os objetivos deste trabalho.

Os dados da pesquisa qualitativa foram coletados no período de 07 a 09 de junho de 2016, e transcritos com o auxílio do programa *Express Scribe*⁶ que diminui a velocidade dos áudios facilitando esta atividade. O método de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) foi empregado para analisar os resultados desta etapa e a partir dele foram criadas categorias que possibilitaram a realização da atividade.

3 ANÁLISE QUANTITATIVA

A pesquisa quantitativa obteve 216 respostas, sendo que 141 foram de alunos da graduação, 26 de professores, 20 de alunos da pós-graduação, 05 de servidores, 04 de alunos da pós-graduação e servidor e 20 de outros vínculos. Entretanto, como o objetivo é investigar a percepção dos alunos da graduação e dos professores da UFMG em relação ao ECU, as análises a seguir não contemplam os outros vínculos identificados.

A UFMG tem seus cursos de graduação distribuídos em oito áreas de conhecimento, são elas:

⁵ <https://www.qualtrics.com/>

⁶ <http://www.nch.com.au/scribe/>

Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas; Engenharias; Linguística, Letras e Artes. Neste contexto, este trabalho abrangeu todas as áreas, sendo que o campo de Ciências Sociais obteve maior número de participantes, visto que 16 dos 26 docentes e 110 dos 141 discentes são dessa área. Ciências Agrárias apresentou 1 professor, Ciências Biológicas foi representada por 6 alunos, Ciências da Saúde abrangeu 4 docentes e 5 discentes, Ciências Exatas e da Terra abrangeu 4 alunos, Ciências Humanas contou com a participação de 10 discentes, Engenharias foi representada por 4 alunos e, Linguística, Letras e Artes apresentou 5 docentes e 2 discentes.

Em relação à faixa etária, por meio das respostas dos alunos, é possível afirmar que grande parte deles tem entre 18 e 24 anos e que as duas faixas que não tiveram respostas foram, respectivamente, entre 67 e 72 anos e acima de 72 anos. Em comparação, a faixa etária do corpo docente que obteve mais resultados foi entre 39 e 45 anos com oito respostas, seguida pelo grupo de pessoas entre 46 e 52 anos com seis respostas. Conforme pode ser visto no gráfico 1, os resultados das faixas etárias estão distribuídos da seguinte forma:

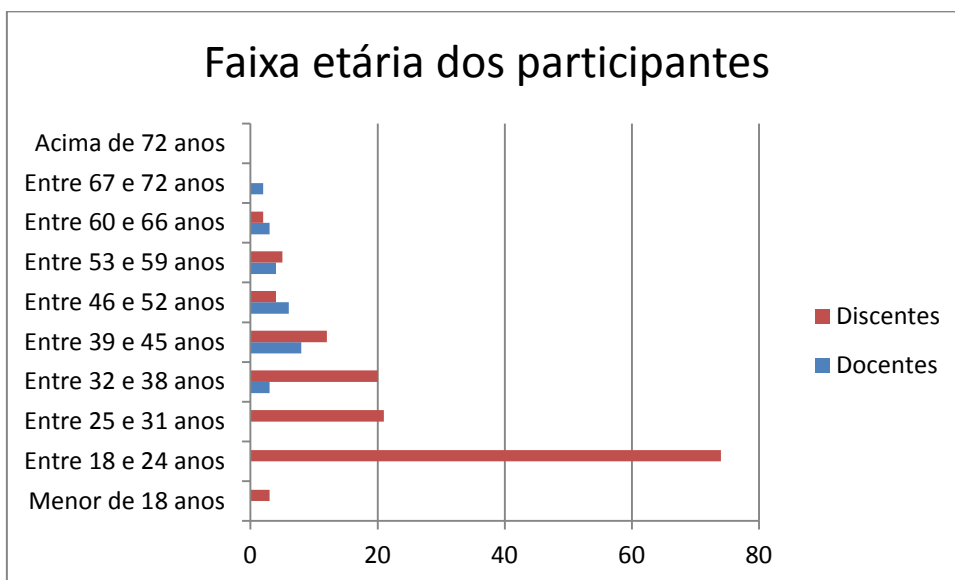


Gráfico 1: Faixa etária dos participantes
Fonte: Dados da pesquisa

Como um dos objetivos deste trabalho é identificar se a localização do Espaço do Conhecimento UFMG influencia na percepção que os alunos da graduação e professores têm em relação à instituição, uma das perguntas do questionário era relacionada ao local de residência dos participantes. Assim, foi averiguado que dos 141 alunos, 111 deles residem em Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.6, n.2, out. 2016.

Belo Horizonte, 29 moram na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e 1 pessoa reside em outra localidade. A maior parte dos docentes reside em Belo Horizonte, com 22 professores, seguida pela RMBH com 3 professores e “outra localidade” com apenas 1 resposta. Para as pessoas domiciliadas na capital mineira foi feita uma pergunta aberta e não obrigatória acerca do nome de seu bairro, dessa forma dos 111 alunos que residem em Belo Horizonte apenas 104 deles responderam. Assim, os alunos residem, principalmente, nas regiões Pampulha, Oeste e Noroeste. Já os professores que moram em Belo Horizonte residem, primordialmente, na região Centro-Sul da cidade, conforme pode ser visto na tabela abaixo:

Regiões	Docentes	Discentes
Barreiro	-	6
Centro-Sul	9	9
Leste	2	7
Nordeste	1	9
Noroeste	1	15
Norte	-	8
Oeste	2	15
Pampulha	7	27
Venda Nova	-	8
TOTAL	22	104

TABELA 1: Índice de regiões

Fonte: Dados da pesquisa

As próximas questões voltaram-se para a identificação do hábito de visitação de museus dos participantes e quanto ao conhecimento da existência da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG. Assim, em relação ao hábito de frequentar museus foi identificada a resposta de 141 alunos, onde 43 responderam que nos últimos 12 meses visitaram algum museu mais de três vezes. E em relação aos professores, 15 deles responderam que nos últimos doze vezes visitaram mais de três vezes instituições museológicas e apenas 2 não visitaram nenhuma vez, conforme pode ser visto abaixo:

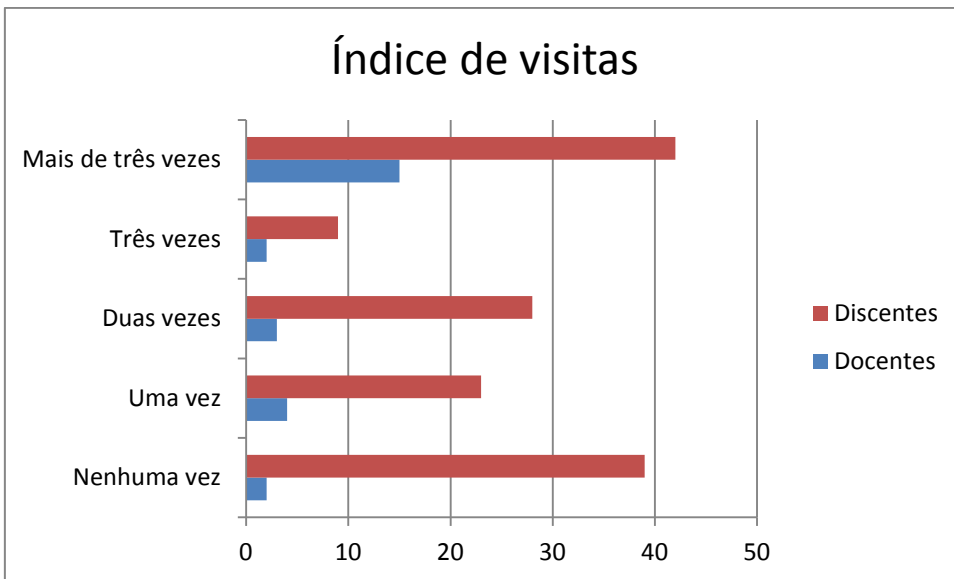


Gráfico 2: Índice de visitas
Fonte: Dados da pesquisa

Tal fato também foi identificado na pergunta acerca do conhecimento da Rede de Museus, onde 71 alunos responderam “sim” e 70 responderam que não a conhecem. Para as pessoas que responderam que conhecem a Rede de Museus foi perguntado se elas já visitaram algum de seus equipamentos, 61 alunos responderam que já visitaram e 10 responderam que não visitaram. A maior parte dos professores conhece a Rede de Museus, visto que dos 26 participantes, 21 responderam conhecer a instituição. Dos professores que conhecem, apenas 1 deles respondeu não ter visitado nenhum dos espaços pertencentes à Rede.

Um dos objetivos da pesquisa era identificar se os participantes já visitaram algum dos espaços da Rede de Museus, mesmo sem saber que tais locais têm vínculo com a mesma, portanto foram listadas as instituições pertencentes à Rede e o participante foi questionado se já visitou algum dos espaços em questão. Essa pergunta não era obrigatória e permitia diversas respostas, assim dos 26 professores, apenas dois deles responderam não terem visitado nenhum dos espaços. Em relação aos alunos, obteve-se 138 respostas, sendo que 59 disseram que nunca visitaram nenhum dos espaços listados e 79 afirmaram já terem visitado um ou mais dos espaços. O resultado das respostas mostrou que dentre os espaços da Rede, o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG foi o local mais visitado entre discentes e docentes.

As próximas questões foram relativas ao Espaço do Conhecimento UFMG, assim dos 141 alunos, 108 deles responderam que já ouviram falar do ECU e 33 que não. A pesquisa *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v.6, n.2, out. 2016.

identificou que dos 26 professores participantes, 23 deles já ouviram falar do ECU. Para as pessoas que já ouviram falar do Espaço foi questionado se elas já visitaram o local, assim dos alunos que conhecem o Espaço do Conhecimento, apenas 59 já o visitaram e dentre os professores que já ouviram falar do ECU, apenas 18 já visitaram o local.

Aos participantes que já visitaram o local, foi feita uma pergunta com múltiplas possibilidades de resposta acerca do motivo da visitação. Obteve-se 25 respostas dos docentes, sendo que a principal resposta foi “lazer” com 17 respostas e “visita técnica” com 4 respostas. Em relação aos alunos, a opção “lazer” obteve 52 respostas, “trabalho acadêmico” 9, “visita técnica” 4, e as opções “outros” e “excursão de escola” foram recorrentes duas vezes. Dos 18 professores que já visitaram o ECU, 16 deles recomendariam a visitação e 2 talvez. Dos 59 alunos, 57 recomendariam a visitação ao Espaço, 1 aluno não recomendaria e 1 não soube responder. Em relação ao grau de satisfação com a visita, a categoria mais recorrente foi “muito boa”, visto que 27 discentes dos 59 e 9 docentes dos 16 escolheram essa opção.

O Espaço do Conhecimento UFMG já foi nomeado como Espaço TIM do Conhecimento e algumas pessoas o conhecem apenas como Planetário, portanto um dos objetivos do questionário foi identificar por qual nome o público conhece o ECU. Assim, dos 141 alunos, 91 responderam que já ouviram falar do Espaço TIM do Conhecimento. Em relação ao corpo docente, 23 já ouviram falar do local. O participante que não visitou o Espaço TIM do Conhecimento foi questionado acerca do motivo, assim dos 44 alunos que nunca visitaram, 14 responderam que o motivo foi a falta de vontade, 9 justificaram não ter tempo, 8 atribuíram o motivo à localização da instituição e 7 ao horário de funcionamento, dentre outras respostas. Dos professores que já ouviram falar do Espaço TIM, 4 deles não visitaram a instituição, as justificativas estão relacionadas com falta de vontade, localização, horário de funcionamento e falta de divulgação.

Em relação ao Planetário, 23 docentes já ouviram falar do local, sendo que desses, 11 nunca o visitaram. Novamente, o horário de funcionamento foi a justificativa mais recorrente, 5 participantes justificaram a não visitação por conta deste elemento. Dentre os 141 alunos, 120 responderam que já ouviram falar e 64 disseram que nunca visitaram o local. O motivo da não visitação ao Planetário, dentre outras categorias, deve-se principalmente ao horário de funcionamento, visto que 19 dos 64 alunos escolheram essa justificativa. A falta de tempo,

novamente, foi uma das justificativas mais recorrentes, 13 alunos assim justificaram a não visitação ao local.

No gráfico abaixo é possível comparar os resultados das respostas relacionadas ao ECU, Espaço TIM do Conhecimento e Planetário.

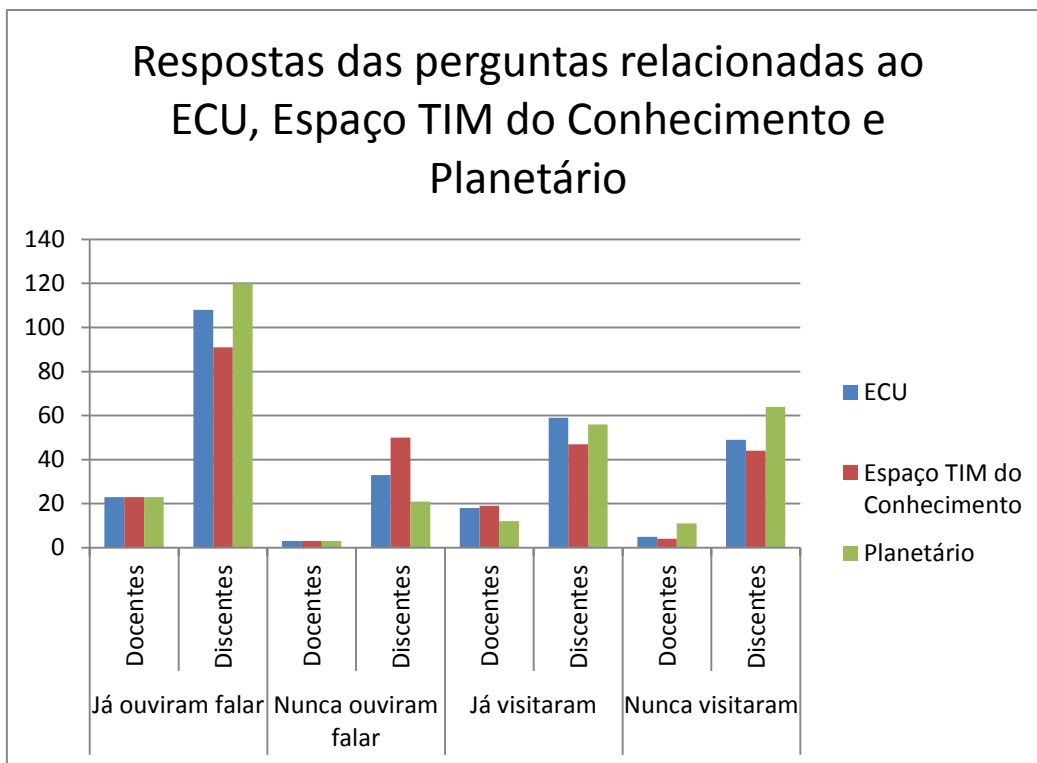


Gráfico 3: Respostas das perguntas relacionadas ao ECU, Espaço TIM do Conhecimento e Planetário
 Fonte: Dados da pesquisa

A próxima pergunta questionou a respeito do ECU também ser conhecido como Planetário e como Espaço TIM do Conhecimento. Assim, dos 140⁷ alunos que responderam a tal questionamento, 87 deles desconheciam esse fato. Acerca do pertencimento do Espaço à Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG, o resultado entre os participantes que sabiam e os que desconheciam foi bem similar, visto que dos 140 alunos, 71 responderam que sim e 69 o contrário. Em relação ao nome da instituição, 17 professores responderam saber que “Planetário, Espaço TIM do Conhecimento e Espaço do Conhecimento UFMG” são nomes utilizados para designar o mesmo local. A maior parte do corpo docente, 19 professores, sabe que o ECU pertence à Rede de Museus.

⁷ A partir dessa questão, o número de alunos foi reduzido para 140. Esse fato pode ter ocorrido por algum erro no Qualtrics ou por desistência do participante, entretanto não foi possível eliminar as respostas deste participante.

Como o ECU faz parte do Circuito Liberdade, o questionário também continha perguntas acerca desse fato. Dos 140 alunos, 116 conhecem o Circuito e 24 não. A respeito do pertencimento do Espaço ao Circuito Liberdade, apenas 85 disseram ter conhecimento desse pertencimento. A análise do corpo docente apurou que 24 professores sabem da existência do Circuito e apenas 20 deles sabem que o Espaço do Conhecimento pertence a este circuito cultural.

Em relação à localização, dos 140 alunos, 101 responderam que o ECU está em um local de fácil acesso, 34 disseram que não e 5 responderam não saber. As pessoas que selecionaram a opção “não” ao último questionamento foram encaminhadas para outra pergunta, onde tinham que justificar a escolha de tal resposta. Assim, dos 34 alunos, 23 justificaram a escolha por conta da localização, 18 responderam por conta do transporte, 9 pelo horário de funcionamento e 5 por motivos diversos. Com o objetivo de confirmar se o Espaço fica realmente em uma localização de fácil acesso, os participantes responderam a seguinte questão: “Se o Espaço do Conhecimento UFMG fosse em outro local, seu acesso seria mais fácil?”. Assim, dos 140 alunos, 81 responderam que não sabem, 30 responderam que não e 29 que sim.

A análise dos respondentes docentes em relação à localização apurou que dos 26 professores, 22 consideram que o ECU fica em um local de fácil acesso e 4 deles não consideram. Os professores que selecionaram a opção negativa na última questão foram encaminhados para outra pergunta, onde tinham que justificar tal escolha. Como a pergunta permitia diversas respostas, dos 4 professores que responderam, “transporte” foi a opção mais recorrente com 3 respostas, seguida por localização com 2 respostas e por horário de funcionamento com 1 resposta. Com a finalidade de confirmar se a instituição fica em um local de fácil acesso, os participantes responderam a seguinte pergunta: “Se o Espaço do Conhecimento fosse em outro local seu acesso seria mais fácil?”. Assim, 17 professores responderam não saber, 6 responderam não e 3 responderam que sim.

Assim, a partir da análise das respostas é possível concluir que, em relação ao corpo discente a maioria dos participantes conhece o Espaço do Conhecimento UFMG, bem como Espaço TIM do Conhecimento e Planetário e que, levando em conta as devidas proporções, boa parte deles já visitou o local. Além disso, que as principais justificativas dos alunos que conhecem

o Espaço do Conhecimento, Espaço TIM e Planetário, porém ainda não visitaram tais locais, estão relacionadas, principalmente, com a falta de tempo, falta de vontade e horário de funcionamento. A falta de divulgação também foi uma das justificativas para a não visitação, muito embora não tenha sido contemplada nas análises aqui apresentadas, por terem poucos resultados. Porém, as autoras acreditam que este pode ser um fator essencial tanto para a falta de conhecimento do ECU, quanto para a sua não visitação.

A análise do corpo docente verificou que praticamente todos eles conhecem o ECU, Espaço TIM e Planetário e que, conforme já foi dito, também já visitaram a instituição, além disso, boa parte deles sabe que estes três nomes se referem ao mesmo local. Acreditamos que esse resultado deve-se ao fato dos professores terem um envolvimento maior e mais duradouro com a universidade e, além disso, por grande parte deles pertencerem   área de Ciências Sociais Aplicadas, especialmente por comporem o quadro de docentes da ECI, e por isso estarem mais envolvidos com algumas questões, como por exemplo, museus, equipamentos culturais e patrim nio cultural.

De maneira geral, notou-se que ao contrário do esperado inicialmente, a maior parte dos participantes da pesquisa conhece e/ou visitou o ECU e acreditam que sua localização não é um elemento que dificulta seu acesso. Além disso, percebeu-se que grande parte dos partícipes visita instituições museológicas com uma frequência mínima.

4 ANÁLISE QUALITATIVA

A partir dos resultados encontrados na análise quantitativa, pretendeu-se aprofundar, na etapa qualitativa, na percepção dos docentes e discentes sobre o ECU e na influência de sua localização nessa percepção. Para atingir esse objetivo foram realizados grupos focais com os alunos e entrevistas com os professores. Portanto, foram criados quatro grupos: docentes que já visitaram o ECU, docentes que não visitaram a instituição, discentes que já visitaram o Espaço e discentes que não visitaram.

Por terem sido realizados diferentes técnicas de coleta de dados nesta etapa, as análises de docentes e discentes são dispostas separadamente. As respostas dos participantes foram agrupadas nas seguintes categorias: localização e acesso; Circuito Liberdade e percepção sobre museus; percepção sobre o ECU. Os participantes foram identificados pela letra "P" Múltiplos Olhares em Ciência da Informa o, v.6, n.2, out. 2016.

seguida por um número em ordem crescente (P1, P2, P3...), sendo que esta contagem inicia-se novamente pelo numeral 1 em cada uma das análises (docente e discente).

4.1 Análise das entrevistas realizadas com os docentes

4.1.1 Docentes que já visitaram o Espaço do Conhecimento UFMG

Foram entrevistados duas professoras e um professor, vinculados à ECI e pertencentes à faixa etária entre 47 e 55 anos.

Localização e acesso

Ao serem questionados se o Espaço do Conhecimento está em um local de fácil acesso, dois docentes apontaram questões relacionadas aos estacionamentos na região da Praça da Liberdade. Um docente acredita que o acesso é dificultado por não existir estacionamento próprio no museu e o entorno não ser muito convidativo, enquanto isso, a outra participante afirmou que o transporte público é capaz de resolver esses problemas já que existem muitas linhas de ônibus na região.

- P1: *“Ele está num lugar que é o centro... ou epicentro do centro da cidade planejada... então é um ótimo lugar com muitas linhas de ônibus embora ele esteja num lugar que é difícil estacionar... o transporte público resolve bem o problema”*.

Entretanto, a terceira docente afirmou que o transporte público não é um fator favorável, já que para moradores de determinadas regiões seria preciso dois ônibus para chegar ao local.

“Não... é um lugar importante e fácil de você identificar... todo mundo sabe ‘ah... onde fica a Praça da Liberdade?’... mas se você pensar em acesso para a população... não... né... por exemplo não é no centro. [...] Você pensar quem mora na periferia ou quem mora na região metropolitana de Belo Horizonte é dois ônibus pelo menos pra ir lá... ou então você dá sorte de ter um ônibus que passa lá perto” (P3).

Posteriormente foi feita a seguinte pergunta: “Se ele fosse em outro local, o acesso seria mais fácil?”. Assim, a docente que acredita que o ECU está em um local de fácil acesso não fez nenhuma sugestão de outra área onde a instituição poderia situar-se. Os outros dois professores discorreram mais sobre o tema, sendo que para o participante 2 essa seria uma discussão mais ampla, já que a grande questão é saber se deve-se centralizar os equipamentos culturais de Belo Horizonte em espaços nobres da cidade ou não.

“É... isso é uma discussão interessante porque na verdade... é... a questão que se coloca é a seguinte ali já é um espaço né... o Circuito já é um espaço privilegiado vamos dizer assim né... então são pessoas privilegiadas que moram ali então não seria o caso de descentralizar os equipamentos culturais de Belo Horizonte... eu acho que essa é a discussão porque a questão de acesso... sempre... pra um vai ser difícil

pra outro vai ser... é... mais fácil pela proximidade da casa e assim por diante... mas eu acho que a discussão de fundo é saber o seguinte... é... nós devemos centralizar em espaços nobres os equipamentos culturais ou nós devemos descentralizar os equipamentos culturais?” (P2).

Pela fala do participante 2 podemos inferir que independente da localização do Espaço do Conhecimento, seu acesso não seria favorável para todas as pessoas, visto que as pessoas moram em lugares diferentes e se deslocam de modos distintos. Esse professor enxerga a Praça da Liberdade como um local nobre da cidade de Belo Horizonte e, portanto, as pessoas que ali residem são privilegiadas, pois em uma “pequena” área elas têm acesso a diversos espaços culturais.

A terceira participante refletiu sobre a possibilidade existirem equipamentos culturais no centro da capital (entendido como o centro comercial da cidade), mas posteriormente aponta que o Palácio das Artes⁸ está localizado nessa região, contudo muitas pessoas não tem coragem de frequentá-lo.

Portanto, percebe-se que atrás do embate da localização do ECU existem outros pontos, como por exemplo, centralizar ou descentralizar os espaços culturais, bem como a existência de instituições dessa natureza em pontos de mais fácil acesso⁹ da população em Belo Horizonte, muito embora, segundo a participante 3, não sejam frequentados pela maioria das pessoas.

Circuito Liberdade e percepção sobre museus

Dos docentes entrevistados, todos conhecem e já visitaram o Circuito Liberdade, entretanto apenas as professoras já visitaram todos os equipamentos culturais do local. Ademais, todos alegaram que têm o hábito de frequentar museus, sendo que em relação aos melhores dias da semana para a visita, os dois primeiros participantes preferem os finais de semana, em contrapartida a participante 3 relatou que prefere as visitas durante a semana, mas que por motivos pessoais no ano de 2016 não tenha visitado nesses dias.

Duas docentes abordaram em suas falas outras atividades realizadas em instituições culturais,

⁸ “O Palácio das Artes é um complexo cultural que fomenta e difunde a arte e a cultura e proporciona uma multiplicidade de experiências para o público visitante. Localizado na Av. Afonso Pena, na região central de Belo Horizonte” (FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO, *on-line*).

⁹ Nesse caso, entendidos como aqueles localizados no centro comercial de Belo Horizonte, situado nas intermediações da Praça Sete de Setembro.

a participante 1, por exemplo, afirmou que a visita aos museus pode se tornar mais prazerosa caso o mesmo conte com um Café ou um entorno agradável: *“Ah... o mais prazeroso é o sábado à tarde... especialmente se o museu tem um Café... um entorno agradável”*.

Foi possível identificar a importância que outros elementos presentes nos espaços culturais têm na avaliação positiva dos mesmos para a participante 3, principalmente, quando ela mencionou a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa¹⁰: *“A Biblioteca... é minha paixão... e lá tem exposição de arte... lançamentos de livros... né... [...]”*.

O participante 2 trouxe uma notável consideração acerca do Circuito Liberdade: *“[...] eu acho que a prioridade ali é a integração com os outros equipamentos culturais porque você gerou né... um... nesse espaço algo muito surpreendente que são equipamentos que tem acervo... equipamentos que não tem acervo... mas não tem diálogo entre eles [...]”*.

Percepção sobre o ECU

Foram feitas algumas perguntas específicas sobre o Espaço do Conhecimento, como por exemplo: Qual o grau de satisfação com a primeira visita? Você recomendaria a visita ao ECU para outras pessoas?

Assim, os três professores consideraram que a visita foi satisfatória, embora apontem algumas considerações sobre o museu:

“Olha... foi muito bom... eu gostei do Espaço... gostei do trabalho que eu vi desenvolver ali dentro... os monitores que eu via atendendo... especialmente o público escolar... foi ótimo” (P1).

“Foi muito boa... muito interessante... não há muita renovação... eu acho... do conteúdo lá do planetário... entendeu... essa sensação... porque depois a gente foi ver numas outras semanas achando que ia ter novas projeções diferentes e não tinha” (P2).

“Foi bom... eu acho que ele é um pouquinho mais complicado que aqueles museus que você só entra e anda assim... que você tem que ir... andar de um andar pro outro... muda de assunto... né... vamos dizer assim de um andar pro outro... eu achei isso um pouco mais... me estranhou um pouquinho porque tem museu que tem por exemplo Museu de Artes e Ofícios você anda e ele... a gente pode dizer assim... você anda e ele é todo de um tema só... né... e aquele ali é pequeno... se você pensar ele é pequeno em relação aos outros... mesmo da praça né... e a cada andar ele muda de assunto... então é como se fosse quatro museus pequenos... eu estranhei... não é que eu não achei bom não... mas eu estranhei” (P3).

Não obstante, a participante 3 acredita que esse tipo de museu é atraente para crianças e

¹⁰ A Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa pertence ao Circuito Liberdade. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v.6, n.2, out. 2016.

pessoas que não tem o hábito de visitar museus, visto que a mudança de abordagem garante que cada andar traga novidades cativando a atenção desses indivíduos:

“[...] os alunos adoram... porque pra aluno é o contrário da sensação que eu tive de estranheza... como eles não têm costume de visitar museus... esse museu que muda de assunto consegue segurar mais a atenção deles... às vezes eles não têm paciência pra andar num museu muito grande com o mesmo tema... e assim cada andar que ele chega é uma novidade... aí ele concentra... digo um aluno que não tem costume de visitar museu [...]”¹¹.

Os professores foram questionados acerca da expectativa que têm em relação a um museu de divulgação científica da UFMG. O participante 2 tocou em um ponto importante, o fato de que o ECU ao estar situado na Praça da Liberdade deixa de ser somente da universidade, a instituição passa a ser da sociedade mineira, do público como um todo que dele faça uso. Já a participante 1 relatou a relevância de tornar a linguagem da “ciência” acessível a todos, colocando, dessa forma, a importância dos monitores para o alcance deste objetivo. E a participante 3 ponderou acerca da diversidade de exposições que poderiam ter no local, visto que a UFMG possui diversos cursos distribuídos em diferentes áreas de conhecimento.

Em relação à contemplação das áreas de conhecimento presentes na universidade, para as professoras, o Espaço do Conhecimento UFMG:

“Olha... isso pode variar. Mas... isso é normal no museu... a partir dos anos 90 a gente não espera mais um museu enciclopédico... né... então é claro que há uma concepção de ciências muito atrelada à área de exatas... ao experimento que sempre predomina nesses espaços mas eu acho que o Espaço do Conhecimento tem conseguido inserir novos trabalhos científicos... eu gosto de lá” (P1).
“Acho que... vai até uma sugestão... vamos supor que um andar específico fosse sempre mudando de acordo com as áreas do conhecimento da universidade... os outros podiam demorar mais tempo... mas podia estipular um andar de exposição que é por área do conhecimento e ele fosse mudando com mais frequência” (P3).

4.1.2 Docentes que não visitaram o Espaço do Conhecimento UFMG

As duas participantes entrevistadas também fazem parte do corpo docente da ECI e se enquadram na faixa etária acima de 60 anos.

Localização e acesso

Durante as entrevistas as professoras foram informadas que o Espaço do Conhecimento UFMG fica localizado nas imediações da Praça da Liberdade, assim foram questionadas se esse local é de fácil acesso.

¹¹ Nesta fala, a participante mencionava alunos do ensino fundamental. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v.6, n.2, out. 2016.

Desta forma, as duas professoras acreditam que a Praça da Liberdade é um local de fácil acesso, sendo que uma delas justificou tal acessibilidade pelo fato da existência de transporte público na região. E a outra credita a acessibilidade do Circuito Liberdade por conta de ser um local de grande circulação em relação aos bairros da região Centro-Sul.

Ao ser questionada sobre outro local onde o Espaço poderia ser instalado e conseqüentemente, se seu acesso tornaria mais fácil, a participante 4 não respondeu a pergunta. Já a participante 5 salientou que como ela mora no bairro Prado, a Praça da Liberdade é um local excelente, entretanto lembrou-se que para pessoas que morem em outras regiões o acesso poderia ser complicado, assim pontuou que se o ECU fosse em um lugar mais central, como por exemplo, a Praça da Estação¹² talvez ele fosse mais acessível para um maior número de pessoas.

Circuito Liberdade e percepção sobre museus

As professoras disseram que possuem o hábito de frequentar instituições museológicas, entretanto a participante 4 disse que tal hábito iniciou, principalmente, após o início do curso de graduação na Escola de Belas Artes: “*É... depois do curso né... eu... depois do meu curso eu frequento mais*”. Acerca dos melhores dias e horários, a participante 5 disse que prefere visitar museus durante a semana porque não costuma sair de casa aos finais de semana e que os horários dependem de seu trabalho. A participante 4 prefere visitar aos finais de semana e o melhor horário é durante a noite.

Em relação ao Circuito Liberdade, a participante 4 acredita que o local é fantástico, muito embora não tenha visitado a maior parte de seus equipamentos culturais. A participante 5 também conhece o Circuito, porém também não visitou todos os espaços do mesmo: “*é... eu conheço só algumas coisas ali né... não tudo. [...] eu vou é no CCBB¹³... então assim frequento muito as exposições que têm ali né no museu [...]*”.

Percepção sobre o ECU

Como as entrevistadas ainda não visitaram o Espaço do Conhecimento, elas foram questionadas sobre o que esperam encontrar em um museu de divulgação científica da

¹² Esta praça é situada no centro comercial da cidade, nas intermediações de uma estação de metrô.

¹³ Centro Cultural Banco do Brasil.

UFMG, assim:

“Bom... eu acho que principalmente assim... deveria existir um pouco de um relato... de alguma forma... o acesso à informação sobre os cursos da UFMG... o objetivo dos cursos... onde além da famosa semana do calouro que as pessoas pudessem saber o que que a universidade oferece de acesso... de informação... de possibilidade de carreira... um pouco de informação sobre o que cada um dos cursos da UFMG oferece... acho que é mais ou menos isso... [...].. se eu tivesse buscando esse tipo de informação acho que era lá que eu iria” (P4).

“É... aí... tem interesse né... mais específico nas áreas pelas quais eu tenho interesse né... museu científico... por exemplo (...) você tá chamando de científico por exemplo um museu que tem na Belas Artes em relação a tipografia... que tem uns aparelhos de tipógrafos e etc?... instrumentos de escrita antigos... então isso me interessaria muito né... e eu sei que tem aqui... é... então mais especificamente é os ligados às minhas áreas de conhecimento né... (...) dentro do museu científico da universidade estaria em princípio mais interessada nas coisas que tem relação com o meu trabalho mas não quer dizer que eventualmente eu não me interesse por outras questões... é claro” (P5).

Percebe-se que a participante 4 acredita que um museu de divulgação científica da UFMG deveria orientar os alunos acerca dos cursos, ou seja, deveria estar mais voltado para a divulgação de informação referentes à própria universidade. Enquanto isso, a participante 5 voltou sua resposta para aquilo que ela gostaria de encontrar no museu.

As professoras foram questionadas sobre o motivo de não ter visitado o Espaço do Conhecimento UFMG, sendo que a participante 5 disse que ainda não foi à instituição porque não houve nada que chamasse sua atenção: *“[...] eu iria se tivesse alguma coisa específica porque eu não sei o que tem lá nessa instituição específica então eu iria se tivesse alguma coisa que me chamasse a atenção para... acontecendo lá especificamente”*. A participante 4 disse que não foi ao Espaço por preguiça.

Em relação à expectativa da visita ao Espaço, a participante 4 disse que não sabe o que espera encontrar lá e pela fala da participante 5 percebe-se que ela enxerga a instituição como um *espaço* onde aconteça eventos dos mais variados tipos, visto que:

“Pois é... eu não sei né... exatamente o que que pode ter mas imagino que tenha... [...]... um auditório onde possa ocasionalmente ter é... palestras, seminários... é... é possível que tenha um acervo de livros e um acervo de biblioteca... não sei...mas geralmente né... espaço do conhecimento eu imagino assim nesse momento sem conhecer... eu imagino que é um espaço onde você vá pra participar de seminário... para discutir alguma coisa... algum evento... mas não sei especificamente”.

4.2 Análise dos grupos focais realizados com os discentes¹⁴

¹⁴ Por se tratar de uma dinâmica de grupo focal, as falas dos participantes não seguiram à ordem atribuída à sua identificação, além disso, como o número de discentes foi relativamente grande, não foi possível apresentar todas as falas em cada uma das categorias analisadas. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v.6, n.2, out. 2016.

4.2.1 Discentes que visitaram o Espaço do Conhecimento UFMG

O grupo focal com os discentes que visitaram o Espaço do Conhecimento contou com a presença de cinco graduandos do curso de Museologia, quatro alunas pertencentes à faixa etária entre 19 e 21 anos e um participante com mais de 60 anos.

Localização

Para investigar a percepção dos discentes sobre a localização do Espaço do Conhecimento UFMG foram feitas algumas perguntas, a primeira questionava se o ECU está em um local de fácil acesso. Algumas alunas acreditam que o Espaço está em um local de fácil acesso, e que está em uma região central da capital mineira. Um aluno (P5) aponta problemas quanto ao estacionamento, enquanto algumas participantes disseram que o museu não está situado em um local de fácil acesso, ademais, duas alunas apontam um problema relacionado ao conhecimento da existência de um museu naquele prédio: *“Tem muita gente que não sabe que ali é um museu... passa direto”* (P2); *“eu só acho que é difícil alguém que não sabe que ali é um museu... chegar na Praça de Liberdade e falar ‘olha eu vou visitar ali’...”* (P3).

Durante as discussões, uma aluna fez considerações sobre o tempo e o preço de descolamento para família que residem em regiões afastadas de Belo Horizonte e utilizam o transporte público:

“Mas na Semana de Museus teve uma palestra lá no Museu Mineiro e tava falando que o Circuito não é pra todo mundo... é... é difícil alguém da família... assim... mais pobre mesmo... pegar... vamos supor a família tem quatro pessoas... pegar um ônibus... pagar o ônibus... sair lá de longe e pagar as passagens... lá é meio assim... restrito... sabe... e eu concordei com ela [...]” (P4). Em seguida, foi perguntado aos participantes se teriam alguma sugestão de localização que facilitasse o acesso do ECU, dois alunos disseram que sua localização é acessível atualmente. *“Eu acho que o local tá bom [...] no meu ponto de vista... a única coisa que falta é mais divulgação... mais propaganda [...]”* (P5).

Entretanto, duas falas demonstram que o acesso poderia ser facilitado caso o museu fosse localizado no centro da cidade: *“seria melhor [...] na Praça da Estação seria o melhor lugar do mundo pra qualquer museu”* (P5).

Circuito Liberdade e percepção sobre museus

Todos os partícipes desse grupo focal conhecem e já visitaram os equipamentos culturais do

Circuito Liberdade. E demonstraram, em sua maioria, que tem o hábito de visitar museus. Uma aluna disse que seu interesse veio após o ingresso no curso de Museologia, enquanto outros alunos disseram que após o início da graduação tem menos tempo e oportunidade para visitar museus.

Posteriormente foi perguntado aos participantes quais os melhores dias e horários para visitar um museu, as respostas foram muito diversas, como é possível perceber pelas falas abaixo: “[...] olha eu gosto muito do horário da manhã... horário da manhã e o dia seria fim de semana [...] a gente tem mais tempo... [...]” (P5); “Pra mim é ao contrário... o ideal é no meio da semana... porque no final de semana eu faço alguma coisa [...] Eu prefiro ir de tardinha pra noite... porque aí dá pra aproveitar os outros eventos que têm [...]” (P3).

Percepção sobre o ECU

Os alunos foram questionados sobre o motivo da visita ao ECU, um aluno foi pra realizar um trabalho universitário, duas alunas foram por curiosidade e as demais alunas dão ênfase ao planetário. Em seguida, os alunos discorreram sobre o grau de satisfação da visita, todos concordaram que a percepção acerca de qualquer museu mudou muito após o início do curso de Museologia. As opiniões sobre o ECU foram diversas como apresentam as falas abaixo:

“Eu achei... eu fiquei um pouco perdida... tinha um pessoal do educativo só que eles estavam sentados [...] aí você chega e aí fica aquela coisa mesmo... você chega e você procura seu caminho e fica assim [...] depois eu fui descobrir que na escada... porque eu sempre subi de elevador... eu descobri que na escada tem tipo uma linha do tempo [...] não sabia disso... não sabia que existia... foi um amigo meu que tava comigo que falou [...] e aí fica essa falta de informação sabe... você entra e às vezes você fica meio perdido” (P1).

“É... pra mim foi o seguinte... eu como gosto de museu como uma instituição clássica... seria um museu como... tipo o Museu do Rio [...] tradicional [...] enciclopédico... eu gosto de museu enciclopédico... eu gosto desse tipo de museu [...] museu interativo eu acho assim [...] não despertou meu interesse... eu não tenho paciência [...] eu não achei... eu não consegui enxergar aquilo como um museu... e não vou conseguir nunca [...] eu não consigo enxergar aquilo como um museu... ainda não consigo... então eu não tenho muita paciência... aquele negócio por exemplo das culturas... é interessante e muito bem feito... mas ficar ali escutando música de índio e lendo [...] me foge a paciência... é assim... essa é a crítica que eu faço a mim [...] achei muito bacana... achei assim meio largado... acho que é problema de verba... muita coisa não funcionava... entendeu [...]” (P5).

“Eu tenho uma visão bem diferente porque eu não gosto de museu tradicional... então... o [participante 5] citou o Histórico Nacional do Rio... mas lá eles pegam... eles mostram a história do Brasil como se a única coisa importante fosse a Europa... e lá no Espaço do Conhecimento foi bem ao contrário... eles mostraram a cultura indígena... e eu achei bem legal... e quando eu fui eles me avisaram que eu tinha que subir o elevador e descer as escadas... e não ficou ninguém interferindo na minha visita... eu percebi tudo sozinha... por mim mesma... pra mim foi bem legal ir lá... eu gostei muito” (P4).

Quando questionados sobre o que esperam de um museu de divulgação científica, os participantes esperam exposições mais didáticas, para todos entenderem em linguagem acessível e que não fosse apenas voltado à tecnologia: “[...] *um pouco mais didática... e não é todo mundo que... que tem o conhecimento de todas as coisas*” (P1); *eu esperaria mais ligado a tecnologia [...] ou então ligado a natureza né*’.

Posteriormente, os discentes tiveram que responder se a visita ao ECU correspondeu às expectativas, todos os participantes disseram que não, esse foi um resultado impactante no decorrer da pesquisa. Uma aluna apontou aspectos positivos ao responder essa questão: “*É porque... só de falar da cultura indígena já me deixou bem satisfeita... ninguém fala... tratam eles como os coitadinhos... e é muito pelo contrário... eles que tavam aqui... entendeu... não tem nada a ver tipo português que nem os museus tradicionais ficam falando [...]*” (P4).

Adiante, foi perguntado aos discentes se recomendariam a visita ao Espaço do Conhecimento UFMG, o participante 5 disse que não recomendaria.

4.2.2 Discentes que não visitaram o Espaço do Conhecimento UFMG

O grupo focal com os alunos que não visitaram o Espaço do Conhecimento UFMG contou com a participação de cinco alunas e de cinco alunos, seis deles graduandos em Museologia e quatro graduandos em Biblioteconomia. A faixa etária predominante foi entre 18 e 23 anos com sete pessoas, os outros três participantes tinham 32, 46 e 47 anos, respectivamente.

Localização

Os alunos foram informados acerca do local no qual o ECU está inserido e quando questionados sobre a acessibilidade da instituição, a maior parte deles afirmou que o Espaço está em um local de fácil acesso, mesmo com algumas ponderações, já apontadas por docentes (conhecedores ou não do espaço) e discentes que também já conheciam o espaço como a facilidade de acesso por ônibus, embora um dos participantes não concorde com tal facilidade, já que tem que tomar duas conduções para chegar ao espaço. O hipercentro é também apontado como local ideal, a exemplo dos demais participantes da pesquisa.

Circuito Liberdade e percepção sobre museus

Para investigar a percepção dos alunos sobre o Circuito Liberdade e sobre museus foi

perguntado aos alunos se eles têm o hábito de frequentar museus, algumas das considerações feitas para a visita foram relativas a objetivos acadêmicos (realizar visitas técnicas) e interesse por museus.

Posteriormente, foi demandado que indicasse os melhores dias e horários para se visitar um museu, grande parte dos alunos afirmou que prefere os fins de semana, como demonstram os trechos abaixo: *“Acho que final de semana mesmo e também especialmente o domingo eu acho porque é um dia mais recreativo... eu acho que o dia inspira você”* (P10).

Com base nas respostas, percebeu-se que a maior parte desses alunos não possui o hábito de visitar museus e que a preferência para o melhor dia de visita está relacionada à disponibilidade de tempo, portanto, a maior parte prefere os fins de semana ou período de férias. Quanto às preferências de dia e horário também é interessante destacar que algumas pessoas preferem os momentos em que não há visitas escolares.

Com o intuito de investigar a relação dos alunos com o Circuito Liberdade foi questionado se eles conheciam o Circuito e em caso positivo quais equipamentos culturais já visitaram, as respostas foram: *“O Circuito todo eu não conheço... eu sei que ele existe... já fui em alguns pontos do circuito mas eu não conheço o circuito inteiro. [...] Eu já fui no Museu Mineiro [...] já fui naquele museu da Cemig... na Casa Fiat [...]”* (P12).

Percepção sobre o ECU

Perguntou-se aos alunos o motivo da não visita ao Espaço do Conhecimento UFMG, muitos deles moram em Belo Horizonte há pouco tempo e por isso não sabiam da existência do museu ou nunca tiveram tempo para visitá-lo, como aponta a resposta a seguir: *“Faz pouco tempo que eu moro aqui né... desde que eu vim pra cá eu praticamente venho só nessa região... a única vez mesmo que eu fui na Praça da Liberdade... que eu parei lá... foi para pegar carona para ir para casa... então não dava tempo mesmo... mas acho que é só por isso mesmo”* (P8).

Mesmo os alunos que já residem na capital mineira há mais tempo demonstram falta de conhecimento sobre o museu, uma aluna afirma que costuma visitar os equipamentos culturais que são mais bem divulgados. Outro aspecto interessante é que vários alunos disseram que ficaram afastados por muito tempo do ambiente acadêmico e que nos outros setores da Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.6, n.2, out. 2016.

sociedade não há divulgação sobre o ECU. Outrossim, existem pessoas que demonstram falta de curiosidade para a visita: *“Falta de curiosidade de tá indo lá visitar [...]”* (P9). *“Eu sabia que existia... falta de tempo e de distância”* (P7). *“Visitar os mais conhecidos... os mais falados [...] sempre são esses... os mais falados... o Espaço do Conhecimento eu ouvi falar mas não é tão comum...”* (P11).

Em seguida, foi abordada a questão dos diferentes nomes utilizados ao se referir ao Espaço do Conhecimento UFMG, anteriormente denominado Espaço TIM do Conhecimento e popularmente conhecido como Planetário. Algumas observações merecem destaque: *“Eu já ouvi falar sobre os três mas não sabia que era a mesma coisa... já ouvi falar e já quis ir em todos os três”* (P12). *“É... eu ouvi falar... eu achei que o Espaço TIM e o Planetário eram espaços dentro da instituição Espaço do Conhecimento”* (P6).

Para compreender as expectativas dos alunos acerca do Espaço do Conhecimento UFMG e sobre um museu de divulgação científica da UFMG, foram feitas duas perguntas, primeiramente, *“O que vocês esperam encontrar no Espaço do Conhecimento UFMG?”*, algumas respostas foram: *“Ah... eu espero encontrar algumas coisas relacionadas à produção científica... alguma coisa relacionada eu imagino... algumas coisas explicativas sobre os conceitos da física... da ciência... da astronomia... isso eu espero encontrar lá... nem sei se tem mas a imagem que eu tenho está relacionada a isso [...]”* (P12). *“Eu espero encontrar conhecimento de qualquer área... tanto da física... de qualquer área... de história”* (P8).

A segunda questão foi: *“O que vocês esperam de um museu de divulgação científica da UFMG?”*, os alunos que não conhecem o espaço esperam encontrar novidades da produção científica da universidade e um diálogo entre as áreas de pesquisa da instituição: *“o espaço de conhecimento da faculdade tinha que ser uma coisa integrada entre os cursos”* (P6). *“Eu acho que quando coloca o nome da UFMG... eu espero de encontrar apesar de ser museu encontrar novos conhecimentos... novas pesquisas... e seu eu for procurar uma novidade uma descoberta nova ou um estudo novo... eu acho que eu ia procurar lá... por ser da UFMG tem ideia de estar sempre em busca de novos conhecimentos”* (P15).

De modo geral, tanto os professores quanto os alunos que já visitaram o Espaço do Conhecimento disseram que tal instituição está localizada em uma área de fácil acesso, muito embora alguns deles tenham afirmado que se o ECU fosse em uma área mais central de Belo Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.6, n.2, out. 2016.

Horizonte, como por exemplo, nas proximidades da Avenida Afonso Pena ou na Praça da Estação, o acesso seria mais fácil para a população em geral. Essa questão do centro da cidade foi abordada pelos participantes com diferentes significados, enquanto alguns deles consideram a região do Circuito Liberdade como pertence ao centro de Belo Horizonte, outros creditam à palavra *centro*, à área comercial da capital mineira, situada no entorno da Praça Sete. O mesmo ocorreu em relação aos docentes e discentes que ainda não visitaram o Espaço, visto que a grande parte disse que é um local de fácil acesso. A acessibilidade da instituição foi atribuída ao fato dela se encontrar em uma região que é atendida por diversas linhas do transporte público.

Em relação ao Circuito Liberdade, os professores e alunos que já visitaram o Espaço conhecem o circuito, bem como já foram na maior parte de seus equipamentos culturais. Um dos professores afirmou que as instituições presentes na área da Praça da Liberdade não dialogam e que tal integração traria benefício a todos os espaços, como também ao público. O grupo focal dos alunos que ainda não visitaram o ECU era composto por alguns participantes de outras cidades, tal fato pode ter relação com o grande número de alunos que disseram ainda não terem visitado também o Circuito Liberdade. Em relação às professoras, uma delas disse conhecer e ter visitado muitos dos espaços do Circuito e a outra, por conta de preguiça, visitou em torno de duas instituições. Ainda de acordo com algumas pessoas do grupo focal que não visitou ainda o Espaço, antes de terem entrado na universidade eles não tinham muita informação sobre a programação de tais equipamentos culturais, o que pode ter gerado a não visitação aos mesmos.

Acerca do hábito de frequentar museus, o único grupo em que grande parte dos participantes disseram não visitar com frequência instituições museológicas é composto pelos alunos que ainda não visitaram o Espaço do Conhecimento UFMG. Interessante notar a dualidade existente nesse grupo entre as pessoas que após a entrada na universidade passaram a visitar mais os museus, em especial, os discentes do curso de Museologia, e os que passaram a frequentar menos, devido à falta de tempo em decorrência dos estudos. Os alunos que já visitaram o ECU disseram que continuam frequentando museus, porém após a entrada no curso de Museologia, o hábito tornou-se menor.

Outro aspecto importante, notado na etapa qualitativa, se refere ao fato de tanto os alunos quanto os professores acreditarem, em sua maioria, que os museus de divulgação científica *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v.6, n.2, out. 2016.

devem ter linguagem clara e acessível. Sobre o Espaço do Conhecimento, os discentes e docentes que não visitaram o local esperam, em geral, encontrar na instituição a integração de todas as áreas de conhecimento presentes na UFMG. Além disso, acreditam que no ECU encontrarão informações acerca dos cursos, bem como da universidade como um todo. Interessante notar que uma das professoras imagina o local como um espaço onde ocorrem eventos, tal fato pode estar relacionado ao nome da instituição ser Espaço do Conhecimento UFMG.

Conclui-se, então, que a percepção dos docentes e discentes acerca do Espaço do Conhecimento UFMG é diretamente influenciada pela sua preferência de museus, nesta etapa em diversos momentos os partícipes trataram dos museus enciclopédicos e dos museus interativos de forma discrepante. Algumas pessoas apreciam museus tradicionais, enciclopédicos, e normalmente não tem um alto nível de satisfação com o ECU, já que esta instituição foge destes padrões. Enquanto os apreciadores de museus interativos tendem a dispor de uma concepção mais positiva acerca do ECU. Ainda sob esse aspecto, é importante mencionar que, durante a pesquisa, percebe-se que muitas pessoas acreditam que o Espaço do Conhecimento UFMG é um museu que pode ser um bom ponto de partida para aqueles que não têm o hábito de visitar museus, justamente por não ser tradicional, ser interativo, ter linguagem clara e acessível.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados encontrados nas etapas quantitativa e qualitativa, conclui-se que a localização influencia na percepção que os participantes têm em relação ao Espaço do Conhecimento UFMG, visto que para muitos o fato da instituição estar localizada na Praça da Liberdade é um elemento positivo. Entretanto, para outros ele deveria estar localizado em uma área de mais fácil acesso, como por exemplo, no centro comercial de Belo Horizonte. Isto é, como dito por alguns dos entrevistados, a localização de uma instituição nunca irá ser confortável para todos. Ademais, pode-se inferir que a localização do Espaço do Conhecimento UFMG não é o fator determinante para a visita do museu, visto que muitas pessoas não visitam museus por se sentirem intimidadas.

Quanto à percepção dos discentes e docentes sobre o Espaço do Conhecimento UFMG, é importante notar que este trabalho não teve a intenção de traçar uma única percepção, porque acredita-se que ela será diferente de acordo com o local de residência, a classe social e Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.6, n.2, out. 2016.

trajetória de vida de cada pessoa. Entretanto, percebe-se que a maior parte dos professores que já visitou o museu teve suas expectativas atendidas e recomendaria a visita, já os alunos que visitaram o museu, em sua maior parte, recomendariam a visita, entretanto não tiveram suas expectativas atendidas. Quanto aos discentes e docentes que não visitaram o ECU, sua expectativa, na maior parte dos casos, é referente às informações sobre os cursos da UFMG e à divulgação de atividades e pesquisas realizadas pela universidade.

Portanto, espera-se que os resultados desta pesquisa venham a ser úteis à administração do Espaço do Conhecimento UFMG e que novos trabalhos sejam executados com vistas a explorar alguns pontos aqui levantados, como por exemplo, divulgação da instituição, o aprimoramento do acompanhamento dos monitores durante as visitas, a otimização da estrutura física, dentre outros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. **A relação do público com o museu do Instituto do Butantan**: análise da exposição ‘Na natureza não existem vilões’. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-08092004-145801/pt-br.php>>. Acesso em: 20 mar 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.

CARVALHO, Rosane Maria Rocha de. A relação museu e público: A contribuição das tecnologias da informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. 8, 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/paper/viewFile/2977/2103>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

CIRCUITO LIBERDADE (Minas Gerais). **Circuito Liberdade**: História. Disponível em: <<http://circuitoculturalliberdade.com.br/plus/modulos/conteudo/index.php?tac=historia&layout=conheca>>. Acesso em: 05 maio 2016.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA. **Formulários**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/bioetica/coep/index.php?option=com_content&task=view&id=14&Itemid=26>. Acesso em: 19 mar 2016.

DIRETORIA DE AÇÃO CULTURAL DA UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/cultura/index.php?option=com_content&view=article&id=1703&Itemid=176>. Acesso em: 19 mar. 2016.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO, Universidade Federal de Minas Gerais. **Sobre**. Disponível em: <http://www.espacoconhecimento.org.br/?page_id=35>. Acesso em: 20 mar. 2016.

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.6, n.2, out. 2016.

FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO, Espaços Culturais. **Palácio das Artes**. Disponível em: <<http://fcs.mg.gov.br/espacos-culturais/palacio-das-artes/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

REDE DE MUSEUS E ESPAÇOS DE CIÊNCIAS E CULTURA DA UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais. **A rede**. Disponível em:

<<https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/a-rede/>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. **Cálculo amostral**: calculadora on-line. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Conheça a UFMG**: UFMG em números. Disponível em: <https://www.ufmg.br/conheca/nu_index.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2016.